

Formação estética: retomando o significado do sentir subjetivo como núcleo da educação estética

Aesthetic training: taking back the meaning of subjective feeling as the core of aesthetic education

DOI:10.34117/bjdv7n8-018

Recebimento dos originais: 03/07/2021

Aceitação para publicação: 03/08/2021

André Luís Pereira de Freitas

Especialista em tecnologia em educação (PUC-RJ)

Instituição: PPGARTES/UFPA

Endereço: SEDUC-PA. Rod. Augusto Montenegro Km 10, S/N. 66.820-000. Belém – PA, Brasil

E-mail: andrefreitas232@gmail.com

Damião Bezerra Oliveira

Pós-doutor em Filosofia (UFPA)

Instituição: PPGED-PPGFIL/UFPA

Endereço completo: UFPA-IFCH. Rua Augusto Corrêa, 01 - Faculdade de Filosofia. 66075110 - Belém – PA – Brasil.

E-mail: damiao@ufpa.br

Ivys de Alcântara Silva

Mestre em Educação (UFPA)

Instituição: PPGED/UFPA

Endereço completo: SEDUC-PA. Rod. Augusto Montenegro Km 10, S/N. 66.820-000. Belém – PA, Brasil

E-mail: ivys.alcantara@gmail.com

RESUMO

Até onde se estende a compreensão do termo estética? Remete à beleza, à arte, aos sentidos? São estas as associações mais imediatas ao termo estética. Neste excerto investigativo, objetivamos espriar a compreensão do termo estética, a fim de pensarmos com mais profundidade em que consiste o que chamamos de Formação estética. Em nossa abordagem qualitativa, teremos como principais interlocutores, desta pesquisa bibliográfica, Schiller, Baumgarten, com comentários de Benedito Nunes. Como resultado ou implicações diretas desta pesquisa, notou-se que esta aproximação com o termo estética caracteriza o nexo principal para uma contribuição da Formação Estética ao fazer educacional, tendo em vista que esta faceta da Formação humana abarca uma das competências fundamentais ao processo educacional, a saber: sentir o outro.

Palavras-Chave: Formação, Estética, Sensibilidade.

ABSTRACT

How far does the understanding of the term aesthetics extend? Does it refer to beauty, to art, to the senses? These are the most immediate associations to the term aesthetics. In this investigative excerpt, we aim to expand the understanding of the term aesthetics, in

order to think more deeply about what we call Aesthetic Training. In our qualitative approach, the main interlocutors of this bibliographical research will be Schiller, Baumgarten, with comments by Benedito Nunes. As a result or direct implications of this research, we noticed that this approach with the term aesthetics characterizes the main nexus for a contribution of the Aesthetic Formation to the educational process, considering that this facet of Human Formation encompasses one of the fundamental competences to the educational process, namely: to feel the other.

Keywords: Formation, Aesthetics, Sensitivity.

1 INTRODUÇÃO

É bastante notável o dinamismo da linguagem e as constantes mudanças de sentidos dos vocábulos e expressões, bem como a geração espontânea de palavras novas e neologismos. Por ser a linguagem humana a mais bem elaborada e articulada forma de comunicação é que se pode dizer que a linguagem é um dos elementos fundamentais que nos distingue das demais classes de animais, fato notado há muito por Aristóteles em sua *Política*. Com efeito, uma das causas fundamentais para essas mudanças nos significados é justamente a necessidade de expressão dos grupos humanos e a compreensão que estes grupos têm a respeito da semântica dos termos e palavras de que se utilizam correntemente (BUENO, 1967, p.186). Uma das formas mais comuns pela qual se apresentam estas mudanças nos significados, reside no processo que Silveira Bueno classifica como *ecsemia* em seus *Estudos de filologia portuguesa*, que representa a extensão das significações que ocorre quando “por (...) falta de palavras próprias, empregamos o mesmo vocábulo a vários objetos, a várias ideias, e a vários seres que apresentam entre si alguma analogia de aspecto, de função, de utilidade” (BUENO, 1967, p.188)

Na história da filosofia são famosos os deslocamentos de significados de palavras e termos, tal como ocorreu com o próprio termo filosofia que, de uma utilização fortuita, consolidou-se como a nomenclatura para uma forma de pensar e um tipo de conhecimento específico, diferenciando-o de outras formas de pensar o mundo e outros tipos de conhecimento. Vemos ainda inúmeros exemplos de deslocamento em termos como dialética, que, de Parmênides a Habermas, apresenta inúmeras compreensões e continua em processo de mutação; ou, ainda com o termo ideologia que, apresentado inicialmente como ciência das origens das ideias, sofreu uma drástica alteração após a interpretação equivocada do termo, convertendo-o na concepção que temos hoje.

Essa multidão de exemplos interessantíssimos que poderíamos apresentar, ilustram não apenas a percepção de que esses deslocamentos geram novas palavras, novas acepções, novas associações, como também nos faz perceber que, com novas acepções, antigos significados vão sendo soterrados ou embotados pelo uso comum. E é exatamente este o nosso interesse em apresentar inicialmente tal processo, pois que a estética, palavra-chave basilar desta pesquisa, é um desses termos que possui uma plasticidade de significados, mas que com o decurso do tempo sofreu embotamentos em acepções que são fundamentais à formação humana. A despeito do que possa parecer, o estudo que aqui propomos não possui ambições etimológicas ou filológicas, pois não intentamos, inicialmente, percorrer toda a história do termo e analisar seus etmos, ou qual seria a utilização correta. O intuito desta primeira inserção na compreensão do termo estética reside na tentativa de ampliar as possibilidades de acepções do termo estética e de reaver aqueles significados do termo que se relacionam com o sentir o outro, nos autorizando, portanto, a pensarmos em uma Formação Estética, acepção que deve ser resgatada juntamente com os significados de nosso termo-chave.

2 METODOLOGIA

Para tanto, como metodologia principal pode-se dizer que a pesquisa está pautada numa abordagem qualitativa (SEVERINO, 2007, p.119), de cunho bibliográfico, recorrendo a autores que se centraram na filosofia estética e que nos ajudam a delinear compreensões relacionadas a tal definição, tal como Friedrich Schiller em sua Educação estética do homem numa série de cartas (2002) e seus Fragmentos das preleções sobre estética (2003), Alexander Baumgarten com sua Aesthetica (1993) e August Schlegel com sua Doutrina da Arte (2014), utilizando como interlocutores os comentários de Nadja Hermann em seu Ética e estética: a relação quase esquecida (2005).

A hipótese central orbita acerca da tese que o núcleo da estética é a sensibilidade e não a reflexão do belo na arte. Nada obstante a isso, os sentidos de estética como sensibilidade foram soterrados pelo volume de estudos sobre o belo e suas relações com arte, tornando a sensibilidade mero meio para a percepção destas categorias que se tornaram centrais para a disciplina estética filosófica, o belo e a arte. Nesse sentido, uma formação estética não seria apenas uma educação dos sentidos para a percepção da arte ou apreensão do belo, mas uma reconstrução da capacidade de sentir o outro, ampliação que altera o próprio modo de ser humano.

3 DEFINIÇÕES DE ESTÉTICA

Aqui retomamos a pergunta inicial: até onde se estende este termo plástico que é a estética? E ainda, qual é a primeira ideia que nos vem à mente ao ouvirmos cotidianamente este termo? É importante deixar claro que a questão fundamental desta germinal pesquisa não consiste em recriminar usos comuns do termo estética, termo cunhado no leito do pensamento grego, tampouco recorrer a arcaísmos e recair em atitude diletante em relação ao termo, mas, em verdade, nosso intuito é prover o nexos da sensibilidade humana com a atitude formativa, atitude que é a expressão macro do processo de educação. Deste modo, é importante delinear brevemente algumas características deste termo plástico, que é a estética.

Em meados do século XVII, o pensador alemão Alexander Baumgarten, cria um novo ramo de estudo intitulado estética, ramo que tinha como principal meta compreender a inter-relação entre as compreensões da arte e a interpretação racional desta. Segundo Schlegel, Baumgarten foi o iniciador deste tipo de compreensão da arte e “sem dúvida tem o mérito de ter feito, pela primeira vez, o esforço consciente (embora fracassado) de ter estabelecido de modo pleno uma teoria filosófica das artes” (SCHLEGEL, 2014, p.24). Assim, a correlação entre a arte e os objetos considerados belos ou feios, advinham mediante o concurso dos sentidos, isto é, das sensações e percepções dos sentidos. Ainda conforme Schlegel, a tese central desta nova ciência chamada estética era a de que o conhecimento sensível possibilitado pela arte, era um conhecimento confuso e limitado e inferior ao conhecimento racional.

Mas, mesmo louvando a atitude e o esforço de Baumgarten, Schlegel percebe as limitações desta nova teoria e, mais que isso, indica um dos motivos pelo qual o termo estética sofreu tantos deslocamentos de sentido. Um desses motivos está numa característica desta nova compreensão de estética que Schlegel chama de *Qualitas occulta*, que representa a qualidade daquilo que, por sua amplitude de sentido, admite muitos significados e compreensões, mas que, também em consequência da mesma característica, suscita círculos viciosos de pensamento e ideias vazias ou esvaziadas do conteúdo original (SCHLEGEL, 2014, p.23).

Do mesmo modo, logo na introdução de seus Cursos de estética, Hegel faz advertência similar à de Schlegel, explicando que o nome estética não explica claramente a sua relação com o belo, sobretudo o belo na arte, porém, como o termo já havia se consagrado cabia então usá-lo, sabendo de sua *qualitas occulta*:

Em virtude da inadequação ou, mais precisamente, por causa da superficialidade deste nome, procuraram-se também formar outras denominações, como o nome Kalística. Mas também este se mostrou insatisfatório, pois a ciência a qual se refere não trata do belo em geral, mas tão somente do belo da arte. Por isso, deixaremos o termo estética assim como está. (HEGEL, 2015, p.27)

Ao mencionar o nome kalística, Hegel faz menção ao termo grego que se relaciona à beleza (Kallos), mostrando que sua perspectiva de estética, diferente de Baumgarten, está associada à beleza na arte, logo, Hegel torna evidente mais um significado da palavra estética, significado que ainda hoje é amplamente utilizado: o belo na arte. A beleza, em verdade, é um dos adjetivos que de modo mais imediato está associado à estética, tanto que vemos, com frequência, clínicas de estética, voltadas ao cuidado da aparência e da beleza do corpo. Outra associação imediata ocorre entre estética e arte. Uma associação que é reforçada por Hegel ao afirmar que seu estudo de estética compreende a filosofia do belo na arte e que, ainda hoje, é uma associação muito popular.

Num apanhado inicial de sua introdução ao seu primeiro curso de estética, Hegel descreve três concepções usuais da arte, das quais nos interessa aqui a segunda concepção por incidir diretamente em uma das definições de estética importantes à nossa pesquisa que, a saber, diz respeito à sensibilidade. Esta concepção, que já não é mais tão popular quanto às anteriores, foi comentada por Hegel no tópico A obra de arte como produção sensível dirigida ao sentido humano, sendo o tópico que considera que os objetos artísticos e a arte, de modo geral, é feita essencialmente para os seres humanos e, na verdade, extraída em maior o menor grau do sensível, pois se destina aos sentidos dos mesmos (HEGEL, 2015, p. 53).

Nesse sentido, os estudos acerca do belo e da arte, após a proposta de Baumgarten cresceram exponencialmente, associados agora à rubrica de estéticas. Nada obstante, à medida que os estudos focados na compreensão das relações entre o belo e a arte cresciam, inversamente a ênfase no aspecto da sensibilidade, aspecto original que nomeia a rubrica, passava a ser secundarizado, tornado apenas meio de compreensão e não mais um fim.

Se por um lado podemos concordar imediatamente com a tese de que o núcleo de uma reflexão que conjugue belo e arte seja a poética, como afirmou, Schlegel, fato reconhecido desde Platão e Aristóteles; por outro não podemos discordar da compreensão de que as sensações e todos os elementos da via do sentir, têm parte fundamental não apenas na apreensão dos objetos poéticos como meios, mas também como formadora

plástica de todas as percepções que nos cercam, moldando as formas de compreensão e expressão dessas percepções. Uma teoria complexa ou um grande sistema necessita não apenas de uma razão calculante, mas também de uma inteligência sensível que ajude a escapar, como diria Benedito Nunes, dos “becos sem saída do pensamento” (NUNES, 1999, p.15).

O ponto fundamental aqui é notarmos que a recepção do termo estética passa a ser fortemente associada à beleza, à arte, ao mesmo tempo em que a sensibilidade passa a ser considerada mero meio pelo qual percebemos aquilo que é o mote considerado central doravante: o belo na arte. Esse processo de desenvolvimento da estética como disciplina filosófica nos dá uma ideia dos motivos pelos quais a primeira associação que se faz ao pensar a palavra estética hoje, nos leva imediatamente a imagens e concepções associadas à beleza e em seguida à arte.

4 SENSIBILIDADE COMO NÚCLEO DA ESTÉTICA

O termo sensibilidade é um predicado bastante importante para nossa pesquisa, porquanto abriga em si uma variedade de significados. O primeiro e mais imediato desses significados é aquele relacionado aos sentidos, nossos cinco sentidos, que já aparecem desde a etimologia grega do termo. Outra acepção que a sensibilidade pode ter é a de sensação, que ainda está ligada aos sentidos, por necessitar diretamente deles para ocorrer, mas que, de certo modo, ocorre para além deles.

Já nas primeiras utilizações do termo estética nos escritos de Alexander Baumgarten, vemos a preocupação de definir melhor esta esfera do sensível, que, como um análogo da razão, precisa ser bem aprofundada, se quisermos realmente compreender os impactos do belo e da arte não apenas nas sensações do corpo, mas, sobretudo, nos sentimentos humanos:

Eu possuo a faculdade de sentir, que se chama sensibilidade. A sensibilidade representa tanto o estado de minha alma, quando então é chamada de sentido interno; quanto o estado de meu corpo, quando recebe o nome de sentido externo. A partir disto, uma sensação tanto é interna, se ela deve sua atualização ao sentido interno (que é a consciência no sentido estrito); quanto é externa. (BAUMGARTEN, 1993, p.66, §535)

Destarte, nas concepções associadas ao núcleo da estética, que é a sensibilidade, residem significados muitas vezes ignorados e postos como meros meios no fenômeno da percepção do belo e na comoção da alma. Baumgarten separa então os significados de sentir em dois tipos, a saber, sentido externo, que diz respeito às percepções empíricas e

mais fisiológicas, e sentido interno que diz respeito às percepções e afecções da alma de cunho mais psicológico. Do mesmo modo, Immanuel Kant em sua Terceira crítica, A crítica da faculdade do Juízo, diferencia sensação de sentimentos respectivamente através dos termos sensação objetiva e sensação subjetiva (KANT, p.51, §3, 9)

Exemplificando as definições kantianas elaboradas na Terceira crítica, Friedrich Von Schiller, em seus Fragmentos das preleções sobre estética, explica que a sensação não se restringe a percepção de quente ou frio, áspero ou liso, por exemplo, mas, na verdade, relaciona-se com o prazer ou desprazer, figurando o que o pensador chama de Sensação objetiva (SCHILLER, 2003, p.41), no intuito de diferenciá-la das sensações comuns como gelado e quente. De modo oposto, embora ainda correlato, temos a Sensação subjetiva, que representa o significado fundamental de nossa pesquisa, que é diferenciado comparativamente por Schiller da seguinte forma:

A sensação que é objetiva pode ser chamada de pura e simplesmente de sensação; a que é subjetiva, porém, sentimento. A sensação é uma representação que é referido ao sujeito e, por isso, distingue-se do conhecimento. O prazer é uma sensação no qual eu desejo permanecer; desprazer uma tal que eu desejo afastar (SCHILLER, 2003, p.41)

O sentimento é a forma mais nobre da sensibilidade e, justamente, a forma que foi mais soterrada no conceito de estética, definição que foi embotada pela utilização comum do termo e esquecida pelas tendências educacionais racionalizantes. Por conseguinte, percebendo esse apagamento da sensibilidade em detrimento do predomínio da formação pautada na exaltação da razão e das faculdades analíticas é que Schiller propõe o resgate de uma formação humana pautada no equilíbrio e no livre jogo entre razão e sensibilidade, estágio formativo que o filósofo chama de estado estético (SCHILLER, 2002, p.103). A tentativa de pensarmos uma formação em que esses valores relacionados à sensibilidade, mormente à sensibilidade subjetiva, expressa pelos sentimentos, inicia-se aqui pela tentativa de resgatar este sentido esquecido de estética como sentir.

Todavia, trata-se aqui não apenas de um sentir apenas sensorial ou, mesmo de um sentir associado ao prazer ou desprazer, mas um sentir associado à afetividade, à cordialidade, das vivências relacionadas à ordem do coração. Por conseguinte, explica o filósofo, que nessa relação de forças “o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época” (SCHILLER, 2002, p.47) Destarte, o conselho de Schiller para uma formação que não deixe a relação entre razão e sentimentos fragmentada, está intimamente relacionado à

percepção da perda da unidade entre estas facetas do ethos humano, sugerindo, como caminho de retorno à unidade perdida, a educação estética ou a formação da sensibilidade. Nessa retomada do sentir o outro, é que Schiller nos indaga a respeito de valores como alteridade, empatia, cordialidade, afirmando inicialmente ser imperativo que

o sentimento e caráter se conjuguem, assim como para a experiência é necessário que colaborem os sentidos abertos e a energia do entendimento. Por louváveis que sejam nossas máximas, como poderemos ser razoáveis, bondosos e humanos se falta a faculdade de aprender fiel e verdadeiramente a natureza do outro, se falta a força de nos apropriarmos de situações estranhas, de tornarmos o nosso sentimento alheio? (SCHILLER, 2002, p.71)

Esta indagação de Schiller acerca de necessidade do cultivo de nossa estética em relação ao outro está diretamente relacionado com as competências necessárias a uma boa prática educativa, tais como se abrir mais a sentir os outros que estão ao seu redor, querer bem, ser indulgente, saber ouvir, dividir e servir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS (RESULTADOS)

Com tal breve percurso pelos sentidos do termo estética, consideramos ter mostrado que um dos significados mais importantes para a educação humana (entendida aqui sempre no sentido de formação), foi soterrado e esquecido passando a ter papel secundário na formação humana, dando vazão, assim, à uma semi-formação claudicante, pautada na valorização exacerbada da racionalidade controladora. Não obstante, a proposta de uma Formação estética vai muito além de uma formação artística ou de educação para a erudição; o resgate dos significados atrelados à sensibilidade, contido no termo estética, tem como meta retomar a educação dos sentimentos, aconselhada por pensadores, filósofos e educadores desde a Antiga Grécia.

Friedrich Schiller, autor de grande importância em nossa pesquisa, proponente de mais explícito de uma educação estética, nos mostra em diversos de seus escritos que uma tal formação completa só é possível com o concurso harmônico entre o pensar e o sentir. Uma formação estética, portanto, não seria tão somente uma educação dos sentidos ou uma educação para compreender os objetos artísticos, mas uma educação dos sentimentos

Como é nossa destinação, mesmo com todas as limitações sensíveis, que nos orientemos pelo guia dos espíritos puros, o sublime tem de ser acrescentado ao belo para fazer da educação estética um todo perfeito, ampliando a capacidade de sentir do coração humano segundo a amplitude completa de nossa destinação, e para além do mundo sensível. Sem o belo, existiria uma luta ininterrupta entre nossa destinação natural e nossa destinação racional. No intuito de satisfazer nossa missão espiritual, descuidaríamos da nossa

humanidade. [...] Sem o sublime, a beleza nos faria esquecer nossa dignidade. (SCHILLER, 2011, p.72-73-grifos do próprio autor)

Concurso harmônico entre pensar e sentir que deve ter a participação co-laborativa da eticidade como alinhavo geral de uma formação humana pautada no que o pensador chama de belo caráter, a qual ele associa com a graça e dignidade humana, que é a beleza do gesto ou beleza da forma no trato social.

Finalizando este breve apanhado recorreremos aqui um excelente excerto da sensível professora Nadja Hermann, que assume a necessidade de uma formação estética:

Assim, podemos dizer que a força subversiva da consciência estética, atua como um turbilhão diante dos efeitos normalizadores da ordem social e moral e cria novas formas de compreensão do mundo. As possibilidades da estética parecem, então, constituir uma forma produtiva de compreender as novas exigências éticas diante da pluralidade, na medida em que permitem transcender as fronteiras unilateralmente racionais da interpretação iluminista do projeto educacional. A estruturação estética da educação pode ampliar de forma significativa a consciência ética, liberando novas formas de sensibilidade que temos deixado de lado (HERMANN, 2005, p.31)

Uma formação estética, portanto, não se restringe a educação para a arte ou educação pela arte, tampouco apenas uma sensibilização para a apreciação do belo. Não que a formação estética não abarque tais competências, mas, mais que isso, trata-se de uma forma de construção do ethos humano que leve em conta, mormente, a percepção mais apurada e natural do outro e de tudo o mais que nos cerca. Uma ampliação de nossa consciência ética que, doravante, nos conduza a, como diria Schiller, imprimir o selo da autonomia e da sensibilidade a todo e qualquer ser que esteja em nossa esfera estética, mesmo o inerte (SCHILLER, 2002, p.116).

Destarte, buscou-se dar destaque ao imperativo de que a formação estética, pensada aqui como conjugação de uma educação racional com a educação dos sentimentos, recupere suas cores e toda sua vivacidade não apenas em nosso fazer pedagógico, mas que nossa aproximação com a atitude estética seja franca, corajosa e plena.

REFERÊNCIAS

- BAUMGARTEN, Alexander. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BUENO, Silveira. *Estudos de Filologia Portuguesa*. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- HEGEL, G.W.F. *Cursos de estética I*. 2ªed. São Paulo: EdUSP, 2015.
- HERMANN, N. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto alegre: edipucrs, 2005
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- SCHILLER, Friedrich von. *Fragmentos das preleções sobre estética do semestre de inverno de 1792-93*. Trad. e Intro. Ricardo Barbosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- _____. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. 4ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. *Do sublime ao trágico*. Trad. e ensaios Pedro Sússekind e Vladimir Vieira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- SCHLEGEL, August W. *Doutrina da arte: Cursos sobre Literatura Bela e Artes*. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp, 2014.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.